

## Entrevista a MARTA MORAIS DA COSTA 22/2/2009 para livro organizado por Celso Sisto, ainda não publicado.

1. *Marta Morais da Costa*: Para quem escreveu, e continua escrevendo, uma obra tão variada em termos de gênero (prosa e poesia), em termos de origem das narrativas (a tradição e a obra pessoal), na variação do tom (humor, seriedade, fantasia), em sua opinião, qual o papel da literatura em relação à realidade? Deve, ou não, servir como tribuna para denúncias, críticas e conscientização?

*Ricardo Azevedo*: Antes de mais nada, preciso dizer que, na minha visão, a diferença entre as chamadas “literatura adulta” e “literatura infantil” é do mesmo teor da existente entre o adulto e a criança. Trata-se de uma questão de graus, de diferenças conjunturais e não de diferenças estruturais. Somos todos essencialmente seres humanos e isto, por incrível que pareça, precisa ser sempre lembrado caso contrário pode virar fonte de todo o tipo de equívoco. Vou exemplificar com um relato. Está num artigo meu de anos atrás: “...sempre que vou a escolas falar com crianças que leram o livro *A casa do meu avô*, a primeira pergunta costuma ser: ‘– É a casa do seu avô mesmo?’. Acontece que meus avós morreram antes de eu nascer, de modo que nunca pude ir à casa do “meu avô”. Sempre dei essa resposta, mas um dia, sei lá porque, ao responder a mesma pergunta [numa conversa com crianças de 2ª série], falei outra coisa: ‘Acho que eu tinha um buraco dentro de mim por não ter conhecido meus avós. Devo ter escrito o livro para preencher esse buraco’. Ouvindo isso, uma menina levantou a mão e disse: ‘– Não moro com meu pai.’ Fiquei confuso. Olhei a menina. Perguntei se ela via o pai. Ela disse que não. Aos poucos fui entendendo. Perguntei se ela tinha um buraco. Ela disse que sim. Perguntei se mais tarde, quando crescesse, também ia querer escrever um livro para, como eu, preencher seu buraco interior. Ela fez sim com a cabeça...”.

Creio que o que faz a gente mergulhar num texto literário, ficção e poesia, independentemente de nossa idade, é o fato de ele, de alguma forma, sempre tratar de algum assunto relevante da vida humana concreta. Uma paixão, uma loucura, conflitos, culpas, carências, incoerências, injustiças, espantos, um mal-estar inexplicável, um sonho, um sentimento indizível, questões morais, a luta do velho contra o novo e coisas assim. Ao ler de como a personagem de ficção, ou o eu poético, se viu às voltas com temas dessa natureza, nos projetamos, nos identificamos, nos surpreendemos, nos emocionamos e tudo isso nos faz olhar para dentro de nós mesmos e para o mundo a nossa volta. Se existe um papel na literatura é, a meu ver, o de nos fazer refletir empaticamente (ou seja, não se trata de uma reflexão teórica) sobre a vida e o mundo, repito, independentemente de sermos crianças, jovens ou adultos. Indiretamente, tudo isso talvez possa levar a, por exemplo, uma melhor consciência social. Não creio porém que livros de

literatura devam ser tribuna para denúncias ou instrumento de qualquer tipo de proselitismo.

2. **Marta Morais da Costa:** O trabalho ( e seu antônimo, o desemprego) podem ser assunto para livros destinados ao público infantil? Como os leitores têm reagido a esse tipo de assunto?

**Ricardo Azevedo:** Tenho vários livros que tratam, entre outras coisas, do trabalho: *Um homem no sótão*, *Alguma coisa*, *Trezentos parafusos a menos*, *O Sábio ao contrário*, *O leão Adamastor*, *Uma velhinha de óculos, chinelos e vestido azul de bolinha branca* e *O Peixe que podia cantar*, por exemplo. Sem falar em poemas como “Minha estrada” ou “Era uma vez um menino” (*Aula de carnaval e outros poemas*); “Eu passei um dia inteiro”, “Quem vem lá boiando no rio?” e “Acende a luz” (*Ninguém sabe o que é um poema*); “Palavras”, “Vozes do meu coração”, “Sim ou não”, “Duas poéticas” (*Feito bala perdida e outros poemas*), entre outros. Na minha visão, falar sobre o trabalho tem menos a ver com emprego e desemprego e mais com a construção da própria voz. Isto sim me interessa e, creio, interessa a todo mundo. De alguma forma, todos nós, o tempo todo e independentemente de faixas de idade, estamos construindo e reconstruindo nossa própria voz. É humano que seja assim.

3. **Marta Morais da Costa:** Pode-se observar em sua obra uma constante preocupação com a figura do escritor e seu trabalho (por exemplo, em "Um homem no sótão"). Esse tipo de metaficção está mais voltada à catarse do escritor ou à revelação da importância desse trabalho para os leitores mirins?

**Ricardo Azevedo:** Como se vê pela resposta anterior, o assunto do trabalho e da construção de própria voz me interessa muito. Esta é a única razão porque ele é recorrente nos meus livros.

4. **Marta Morais da Costa:** Qual é em seu entender a função da crítica literária? Como você se relaciona com os estudos já realizados a respeito de sua obra?

**Ricardo Azevedo:** Em princípio, todo o trabalho de análise e crítica interessa. Infelizmente, em jornais e revistas, considerando a literatura voltada para crianças e jovens, a crítica não existe. Trabalhos de análise e crítica surgem apenas no âmbito das universidades e de algumas poucas e raras revistas especializadas. O problema é que esse material nem sempre é acessível. Leio tudo o que posso e chega às minhas mãos.

5. **Marta Morais da Costa:** A visão do autor a respeito de seus textos pode influenciar o trabalho do professor em sala de aula? De que maneira?

**Ricardo Azevedo:** Que eu saiba não é tão comum o contato com a visão dos autores sobre seus próprios trabalhos. Tenho escrito artigos que tentam apontar

problemas e propor discussões sobre o uso da literatura de ficção e poesia nas escolas, mas isso é outra coisa.

6. **Marta Morais da Costa:** Qual é sua visão sobre as qualidades da literatura infantil produzida no Brasil e a contribuição que ela trouxe para a formação de leitores?

**Ricardo Azevedo:** Acho que talvez a maior parte do que é produzido para crianças e jovens (assim como para adultos!) é ruim, aborda temas oportunistas e, em suma, é “produto comercial” criado para atingir “nichos” ou “fatias de mercado”. Em outras palavras, não passa de trabalho impessoal, de simulacro, lixo descartável criado com um único e exclusivo intuito: o lucro financeiro. Refiro-me não só ao que se produz no Brasil como também nos EUA, Europa e outros países. Basta visitar qualquer feira internacional de livro para verificar o que estou dizendo. Tudo isso é expressão do lamentável caráter mercantil, consumista, utilitário e alienado de nossa época, algo que precisa ser sempre duramente criticado e denunciado. Creio que as escolas, do primeiro ao terceiro grau, deveriam ser o espaço para a construção sistemática dessa crítica. Infelizmente, não têm sido. Elas, ao contrário, têm corroborado o modelo que aí está. Por outro lado, tanto no Brasil como em outros países, há também trabalhos muito bons, originais e pessoais, produzidos de forma consistente, com propostas capazes de fazer o leitor refletir sobre a vida e o mundo. Estes são os trabalhos que realmente interessam. A meu ver, nesse caso, o que se produz no Brasil é de qualidade similar ao que se produz lá fora.